

UNIVERSIDADE DO PLANALTO CATARINENSE
PÓS-GRADUAÇÃO *LATO SENSU* EM EDUCAÇÃO

ANA MARCIA DE SOUZA PEREIRA

**ALFABETIZAÇÃO NA PERSPECTIVA DO LETRAMENTO: ATRAVÉS DE
SEQUÊNCIA DIDÁTICA NO ABRIGO MUNICIPAL**

SÃO JOAQUIM/SC

2018

ANA MARCIA DE SOUZA PEREIRA

**ALFABETIZAÇÃO NA PERSPECTIVA DO LETRAMENTO: ATRAVÉS DE
SEQUÊNCIA DIDÁTICA NO ABRIGO INSTITUCIONAL**

Trabalho de Conclusão de Curso vinculado
ao Curso de Especialização em Educação da
Universidade do Planalto Catarinense.

Orientador(a): Prof^ª. Dr^ª. Carmen Lúcia
Fornari Diez

**Linha de pesquisa: Educação, Cultura
e Políticas Públicas**

SÃO JOAQUIM/SC

2018

RESUMO

O presente trabalho propõe uma reflexão sobre a compreensão dos processos de alfabetização na perspectiva do letramento, através de sequência didática. Procura também esclarecer que essas especificidades possam ser compreendidas com clareza, ressaltando que são processos diferentes, porém, que devem ser trabalhados juntos, um contemplando o outro, para que se obtenha sucesso na formação inicial dos alunos do ensino fundamental. O texto tem como proposta não só a construção desses conceitos abordados, como também expõe as contribuições que a junção desses dois processos (alfabetização e letramento) traz para a educação às crianças dos anos iniciais e das crianças que vivem no abrigo municipal que trazem dificuldades de aprendizagem significativas na linguagem. Uma das preocupações que vem atraindo atenção dos educadores é a dificuldade de leitura e escrita pelos alunos, que se prolonga por todo Ensino Fundamental, fator que ocasiona o alto índice de retenção escolar. A “proposta objetiva o desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita no Ensino Fundamental”, onde aborda-se a importância da alfabetização e letramento e o papel do professor no desenvolvimento de habilidades leitoras através de sequência didática a fim de promover a construção de letramento e do processo de desenvolvimento leitor nas crianças refletindo no melhor aprendizado.

Palavras-chave: Alfabetização, Letramento, Sequência Didática

ABSTRACT

The present work proposes a reflection on the comprehension of literacy processes in the perspective of literacy, through didactic sequence. It also seeks to clarify that these specificities can be clearly understood, pointing out that they are different processes, however, that must be worked together, one contemplating the other, so that success in the initial training of elementary school students can be achieved. The text proposes not only the construction of these concepts, but also exposes the contributions that the combination of these two processes (literacy and literacy) brings to the education of the children of the early years and of the children living in the municipal shelter that bring difficulties of meaningful learning in language. One of the concerns that has attracted the attention of educators is the difficulty of reading and writing by students, which extends throughout Elementary School, a factor that causes the high rate of school retention. The "proposal aims to develop reading and writing skills in Elementary School", which addresses the importance of literacy and literacy and the role of teachers in the development of reading skills through a didactic sequence in order to promote the construction of literacy and of the process of reader development in children reflecting on the best learning.

Keywords: Literacy, Literacy, Didactic Sequence

SUMÁRIO

1 IDENTIFICAÇÃO	5
1.1 Título	5
1.2 Pesquisadores	5
1.3 Local da Realização da Pesquisa	5
1.4 Público-Alvo	5
1.5 Período de Execução	5
1.6 Objetivos da Proposta	5
2 JUSTIFICATIVA	6
3 MÉTODO	7
4 RESULTADOS	7
4.1 Resultados da Intervenção	7
4.2 Resultados Da Pesquisa Bibliográfica	8
4.2.1 Contexto Histórico De Alfabetização e Letramento	8
4.2.2 A Alfabetização e o Letramento no Desenvolvimento de Habilidades	10
4.2.3 O Papel do Professor no Desenvolvimento das Práticas Diárias de Leitura e Escrita	11
4.2.4 Ensino de Gêneros	17
4.2.5 Concepções de Linguagem	18
4.2.6 Gêneros Discursivos	18
4.2.7 Qual a diferença entre Alfabetização e Letramento?	20
4.2.8 O que é o Processo de Alfabetização?	21
4.2.9 O que é o Processo de Letramento?	21
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
6 REFERÊNCIAS	24

1 IDENTIFICAÇÃO

1.1 Título

Alfabetização na Perspectiva do Letramento, através de Sequência Didática no Abrigo Municipal

1.2 Pesquisadores

Pós-Graduando(a): Ana Marcia de Souza Pereira

Orientador(a): Prof, Dr^a Carmen Lucia Fornari Diez

1.3 Local da Realização da Pesquisa

Abrigo Municipal de São Joaquim

1.4 Público-Alvo

Crianças do Abrigo Municipal (idades variadas)

1.5 Período de Execução

Foram realizadas pesquisas de campo e intervenção totalizando 20 h, no segundo semestre de 2018.

1.6 Objetivos da Proposta

A “proposta objetiva o desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita no Ensino Fundamental”, onde aborda-se a importância da alfabetização e letramento e o papel do professor no desenvolvimento de habilidades leitoras através de sequência didática a fim de promover a construção de letramento e do processo de desenvolvimento leitor nas crianças refletindo no melhor aprendizado, em que possa contribuir para o processo de alfabetização e letramento. A intenção é auxiliar esses alunos do abrigo para com a escola com dificuldade de aprendizagem em leitura e escrita.

2 JUSTIFICATIVA

Justifica-se este trabalho a uma discussão sobre o processo de alfabetização de alunos que moram no Abrigo Municipal de diferentes idades e a utilização de sequências didáticas de linguagem como mediadores no processo de letramento. Sabe-se que muitos dos problemas educacionais relacionados ao aprendizado da leitura e escrita têm início no Ensino Fundamental que na maioria das vezes não atinge os objetivos propostos, que é alfabetizar e letrar. Uma das preocupações que vem atraindo atenção dos educadores são as dificuldades de da leitura, escrita e interpretação pelos alunos de Anos Iniciais do Ensino Fundamental, ocasionando a retenção.

Pois, apesar dos avanços obtidos no campo educacional, existe um aumento significativo de alunos que ao concluírem os anos iniciais do Ensino Fundamental, não adquiriram o domínio da leitura e da escrita. Portanto, elaborou-se esta proposta com a temática: Alfabetização na perspectiva do letramento através de sequência didática no abrigo municipal uma proposta metodológica para desenvolver habilidades de leitura e escrita. A motivação dessa temática foi impulsionada pelo problema: Como promover práticas de leitura e escrita para alfabetizar e letrar alunos com dificuldade de aprendizagem que fazem parte do abrigo municipal de diferentes idades.

A proposta objetiva contribuir para o processo de alfabetização e letramento. A intenção é auxiliar esses alunos do abrigo para com a escola com dificuldade de aprendizagem em leitura e escrita.

Diante desse pressuposto, enfatiza-se que ao promover sequencias didáticas como elementos motivadores e facilitadores da construção de habilidades e competências leitoras, viabilizar-se-á um melhor rendimento escolar aos alunos, com vistas a produzir bons resultados.

O letramento é uma qualidade essencial ao aluno sendo mais exigido quando ingressa no 6º ano, pois na vivência da pré-escola ao 5º ano, este aluno convive anualmente com um só professor em sala de aula, desenvolvendo as práticas pedagógicas que lhe são peculiar, dando-lhe um acompanhamento efetivo embora ministrando disciplinas diversas.. Para tratar desta temática o presente trabalho segue a seguinte estrutura: fundamentação teórica sobre alfabetização e letramento baseado em, autores como: Maria Helena Martins, Paulo Freire, Magda Soares, Regina Sodré, Ezequiel Theodoro, Joseane Maia, dentre outros; metodologia, caracterização dos sujeitos da pesquisa, sistematização da proposta e análise da proposta.

Neste contexto, aborda-se sobre a importância do professor no desenvolvimento de práticas diárias de leitura e escrita e da exigência da sociedade sobre o processo de alfabetizar letrar. No segundo capítulo descreve-se sobre a proposta pedagógica: sua metodologia, os sujeitos da pesquisa, princípios e diretrizes, as estratégias metodológicas utilizados na proposta e finaliza com a descrição e análise dos resultados deste trabalho.

3 MÉTODO

A pesquisa-ação foi desenvolvida de forma bibliográfica e empírica, os dados foram coletados e obtidos através de visita in loco, contendo questionário e aplicação de sequência didática a 12 crianças que variam de 07 a 16 anos de idade a fim de incentivar a leitura.

Abordei tipos diversificados de textos e gêneros, como: roleta dos gêneros, história da lata, trava-línguas, músicas, poemas, poesias e livros de literatura, dando enfoques diferentes tipos de interpretação proporcionando o desenvolvimento de estratégias e habilidades para aprendizagem de leitura e escrita.

A partir de análise do resultado e de observação foi possível apontar pontos a serem melhorados para o desenvolvimento das crianças. Portanto, são diferentes atividades que poderão ser desenvolvidas em classe e extraclasse. Esses procedimentos possibilitarão trabalhar estratégias que suprimirão as dificuldades de leitura e escrita, assim, se desenvolveu metodologias diferenciadas de leitura e escrita através de sequencia didática, para sanar a oralidade e escrita.

4 RESULTADOS

4.1 Resultados da Intervenção

A sequência Didática foi aplicada com diversos textos e gêneros, como: roleta dos gêneros, história da lata, trava-línguas, músicas, poemas, poesias e livros de literatura, entre outras, foi desenvolvido a modo de favorecer aos aprendizes a compreensão de situações de escrita com base em textos e gêneros, a fim de desenvolver o comportamento leitor e escritor durante o processo textual, refletir sobre o SEA (sistema de escrita alfabética), ler e desenvolver capacidade e habilidades para superar a fragmentação dos saberes.

4.2 Resultados Da Pesquisa Bibliográfica

Ao desenvolver este projeto, através de sequência didática, buscou-se proporcionar as crianças uma atividade escolar que fugisse do esquema tradicional. O resultado desse trabalho foi muito positivo, pois foi possível perceber o desenvolvimento da sequência didática de forma significativa, os mesmos participaram ativamente, cheios de entusiasmo e alegria a cada atividade proposta, avançando na compreensão do sistema de escrita, reconhecendo suas unidades fonológicas, como sílabas e rimas e percebendo suas relações entre grafemas e fonemas, reconhecendo as palavras como parte do texto, compreendendo e resolvendo as atividades propostas

4.2.1 Contexto Histórico De Alfabetização e Letramento

- I. Historicamente, o conceito de alfabetização definia-se como o ensino aprendido do sistema alfabético de leitura e escrita, como desenvolvimento das capacidades de decodificar os sinais e codificação dos sons em sinais gráficos. Partindo dessa premissa, o alfabetizando é considerado uma tábula rasa, alguém que não tem conhecimentos prévios, em que a aprendizagem acontece pela repetição, memorização, fixação, e o professor detém todos os saberes, conhecimentos e experiências necessárias. Atualmente considera-se o processo de alfabetização em seu sentido amplo, ou seja, deve-se alfabetizar e letrar na perspectiva dos usos sociais da leitura e da escrita. Nesse contexto, o professor é o mediador deste processo, devendo ser um leitor competente.
- II. Segundo Sodré (2008), as metodologias de alfabetização evoluíram, de acordo com as necessidades. A história da leitura e escrita foi dividida em períodos:

1º Período: Método Sintético - da antiguidade até meados do século XVIII, (o mais antigo de todos, tem mais de 2000 anos, ensinava as letras, depois as sílabas).

2º Período: Método analítico - oposição do método sintético, tem início no século XVIII estendendo-se até o início do século XX, alfabetizava com palavras e sílabas.

3º Período: Método Paulo Freire - final do século XIX utiliza o universo vocabular do aluno.

A alfabetização tem sido objeto de pesquisa e discussões entre teóricos, estudiosos e educadores, devido ao alto índice de alunos que concluem o 5º ano do Ensino Fundamental, sem demonstrarem habilidades de leitura e escrita o que tem afetado significativamente no desempenho e no desenvolvimento de crianças, jovens e adultos brasileiros.

Para Soares (2008), alfabetização é um processo de representação de fonemas em grafemas e vice-versa, mas é também um processo de compreensão/expressão de significados por meio do código escrito. Isso nos remete a um conceito de alfabetização no sentido de letramento atrelado a importância de inserir práticas de leitura e escrita por meio de diferentes portadores de textos desde os anos iniciais, pois quanto mais conhecimento textual o aluno tiver, tanto maior será a compreensão sobre o universo leitor. Mediante a interação com diversos textos que a prática social de leitura e escrita possibilita o envolvimento do leitor que ler, reflete, interpreta e sabe fazer a intermediação e interação entre leitura e escrita, dando sentido ao texto lido, daí a necessidade da conexão entre alfabetização e letramento.

Partindo desta concepção sobre a alfabetização, o letramento constitui-se em um processo que não pode ser dissociado do aprendizado da leitura e escrita, pois ambos contribuem para formação do sujeito.

Segundo Soares (2003) a invenção do letramento no Brasil se deu em meados da década de 80 e só em 2001, é que o Dicionário Houaiss registrou as palavras letramento e letrado, definindo letramento como um conjunto de práticas que denota a capacidade de uso de diferentes tipos de material escrito.

Letramento é palavra de conceito recente, introduzido na linguagem e das ciências linguísticas há pouco mais de duas décadas, seu surgimento se deu em decorrência da necessidade de nomear comportamento e práticas sociais na área da leitura e escrita, que buscassem o domínio do sistema alfabético e ortográfico.

Nessa premissa, legitima-se a concepção de que alfabetização e letramento são processos complementares e análogos que têm início quando a criança começa a conviver com as mais diversificadas demonstrações de leitura e escrita em seu cotidiano (rótulos, placas, propagandas em muro, embalagens, anúncios televisivos, dentre outros), perdurando durante toda sua existência. Possibilitando maior participação nas práticas sociais que envolvem o ato de leitura e escrita como: correspondências, textos literários, poemas, músicas, textos informativos, livros infantis, revistas, jornais etc. Compreendendo-se então

que os termos letramento e alfabetização estão relacionados ao exercício efetivo e competente do uso da leitura e da escrita nas situações em que a criança precisa ler e escrever.

Magda Soares afirma que:

[...] letramento é o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita (SOARES, 1998, p.18).

Com essa concepção evidencia-se que o processo de letramento constitui-se em um desafio permanente, implicando a reflexão das práticas e as concepções adotadas ao inserir crianças e adolescentes no mundo da leitura e da escrita. Para tanto, se faz necessária uma análise e recriação de novas metodologias de ensino visando garantir eficazmente o duplo direito: não apenas de ler e registrar autonomamente palavras numa escrita alfabética, mas de poder ler, compreender, produzir os textos, compartilhar socialmente e saber lidar com diferentes tipos de textos em situações diversas, a fim de formar alunos leitores.

4.2.2 A Alfabetização e o Letramento no Desenvolvimento de Habilidades

Ao ingressar na Escola as crianças enfrentam bruscamente a rotina de metodologias tradicionais em que as letras, as sílabas e as palavras aparecem, esvaziadas de sentido. Consciente das dificuldades diárias causadas pela precariedade ou ausência do domínio das estratégias de leitura e escrita, os pais insistem que os filhos precisam aprender a ler e escrever. Para equacionar esse problema precisa-se mergulhar nas pesquisas sobre esse processo de aquisição que sirva de esteira para uma prática que vise o domínio efetivo da leitura e da escrita.

Para Theodoro (2005), a leitura levanta-se como uma grande fonte de inquietação dentro do cenário educacional brasileiro. Essa afirmativa remete a acreditar que o ato de ensinar a ler e escrever constitui-se um grande desafio aos professores que estão numa busca constante de estratégias e práticas metodológicas para superar essa carência, procurando com afincos soluções para os alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem simultânea: leitura e escrita. Fator que contribui para ocorrência das aprendizagens fragmentadas em que os alunos aprendem codificar pequenas palavras, mas não sabem escrevê-las. Sabem grafar, copiar do quadro e do livro, porém não têm habilidades necessárias para decifram,

identificarem, lerem que palavras escreveram. Mesmo assim, permanece a concepção de que o aluno que “copia”, já está apto a desenvolver habilidades e competências de leitura e escrita, fazendo da “cópia” uma atividade pedagógica rotineira. A respeito Ferreiro, comenta que:

[...] a cópia é apenas um dos procedimentos usados para apropriar-se da escrita, mas não é o único (nem sequer é o mais importante), aprende-se mais inventando formas e combinações do que copiando; aprende-se mais tentando produzir junto com os outros uma representação adequada para uma ou várias palavras do que fazendo sozinho, exercícios de copiar listas de palavras ou letras (FERREIRO 2001, p. 102).

Com base nessa assertiva, evidencia-se a importância de trabalhar a leitura e a escrita utilizando diversos portadores de textos através de sequência didática, tendo em vistas as mudanças e exigências processadas na sociedade letrada em relação ao sujeito considerado alfabetizado, sendo portanto, necessário, um olhar mais cuidadoso e exigente, surgindo assim, a carência e a urgência da inserção do letramento, com revisão, reavaliação e a renovação contínua de práticas metodológicas de leitura e escrita para formar alunos leitores e escritores competentes, habilidosos e letrados. Porém, é necessário um acompanhamento efetivo e sistemático para verificar o que acontece com a criança que não aprende a ler e escrever simultaneamente, considerando que esse processo pode ser mediado por textos diversos, e que não existe somente um tipo de texto único e específico para alfabetizar e letrar.

4.2.3 O Papel do Professor no Desenvolvimento das Práticas Diárias de Leitura e Escrita

Em decorrência da complexidade que é o aprendizado da leitura e da escrita e sua efetivação no contexto sócio-cultural do aluno, a Escola defronta-se com uma enorme inquietação, que é o “ensinar a ler” e escrever. Ler para entender e expressar-se de forma oral e escrita. Daí emerge a necessidade de trabalhar a leitura e a escrita com diferentes portadores de textos para que o educando ao utilizar a leitura, o faça de forma que esta interaja com as demais disciplinas, evidenciando que a leitura e a escrita feita diariamente possa despertar no aluno o hábito e o gosto pela leitura, contribuindo para sua aprovação no final do ano.

É necessário que os alunos tenham a compreensão e interpretação textual, não apenas a decifração de códigos, que persiste em ser uma das questões mais polêmicas do sistema educacional brasileiro, uma vez que as Escolas públicas e as privadas convivem diariamente com discussões e debates relacionados a esse tema.

Martins (1994, p.32), afirma que: “[...] ‘o debate decodificação *versus* compreensão’ parece estar se esvaziando. Ambas são necessárias à leitura. ‘Decodificar sem compreender é inútil; compreender sem decodificar, impossível’”.

Considerando essa afirmativa, concebe-se que o trabalho pedagógico deve centrar-se na perspectiva de que o aluno adquira competências e habilidades leitoras para que a alfabetização e o letramento sejam elementos facilitadores na aprendizagem das demais disciplinas, e que ao concluir o 5º Ano do Ensino Fundamental, o aluno apresente habilidades e práticas leitoras com vistas a facilitar seu ingresso no 6º ano.

É nas séries iniciais que está a base de todo aprendizado, sendo portanto o 5º ano, o fechar de um ciclo em que estas habilidades básicas já estejam adquiridas. Já que o 6º ano se constitui numa nova etapa de ensino, em que cada disciplina é ministrada por diferentes professores, com práticas e metodologias diferenciadas, em que na maioria das vezes os conhecimentos prévios do aluno não são levados em consideração para seu aprendizado. Segundo Sodré (2008, p.13)

“Cada um aprende de um jeito diferente, dependendo de sua história de vida, de suas experiências”.

Esta concepção de Sodré, remete a Freire (1997. p 11), “que a leitura de mundo precede a leitura da palavra”, lembrando que ao ingressar na escola a criança traz suas marcas culturais, seu currículo oculto, sendo produtora de sua própria linguagem permitindo-lhe formular e expressar-se em conformidade ao seu mundo social. É falante, formula diálogos, conta histórias, sabe adivinhas, parlendas, aprendidas com seus pais, avós, enfim, interage e se comunica com as outras crianças que a partir de então farão parte de seu contexto social diário, que é a escola.

Observando essas habilidades que o aluno detém em seu currículo oculto, torna-se mais fácil trabalhar a leitura e a escrita com diferentes portadores de textos que estimulará sua curiosidade, despertando seu imaginário para criar e recriar textos, histórias, criar novos personagens e até mudar o desfecho de um conto ou de uma história, demonstrando capacidade de sequência lógica e o desenvolvimento do potencial criativo. À medida que os alunos vivenciam situações de aprendizagem em que a professora dá ênfase a determinados elementos textuais, eles procuram identificar estes mesmos elementos tais como: sumário, autor, título, ilustrador, capa dentre outros.

Assim, começam a demonstrar comportamentos e habilidades de leitores e escritores mesmo aqueles que ainda não dominam a leitura e a escrita, pois conseguem acompanhar a realização das atividades juntos com o colega que já detém e demonstra a capacidade de leitura e escrita. A efetivação da prática da leitura e da escrita em sala de aula encontra uma enorme barreira advinda do meio social que a criança pertence, quando os pais e/ou amigos não lêem, dificilmente a criança ou o adolescente valorizará a leitura, por mais que a escola empregue meios persuasivos ou impositivos para modificar essa indiferença aos livros. Sendo assim, aprende-se mais com o exemplo e a vivência diária.

Essas constatações não se constituem em fatores impeditivos para incentivar a prática da leitura com vistas a despertar no aluno o gosto e o prazer de ler e, conseqüentemente torná-lo leitor hábil e capaz. Nos anos iniciais é o princípio da construção de um trabalho mais consistente de compreensão da leitura exercitando a escrita e sua capacidade de comunicar-se e expressar-se, e não simplesmente o domínio de um código.

Esta etapa do aprendizado deve ser trabalhada e estimulada à leitura e a escrita por meio de diferentes portadores de textos, de situações e fatos vivenciados pela própria criança, pois é nesta fase que ela tem mais facilidade de aprender e assimilar novos conceitos. Uma criança mal alfabetizada terá problemas durante toda vida escolar, em que se apropria da oralidade, estando mais apta a conceber os processos que envolvem a leitura e a escrita, ampliando o vocabulário e formulando idéias. Simonette (2007) afirma que:

[...] É importante primeiro evidenciar que a interação e a mediação com finalidades pedagógicas só terão sentidos e avanços se contextualizadas, significativas e desejadas tanto pela professora quanto pelas crianças [...] (SIMONETTE, 2007, p. 46).

Essa afirmativa corrobora a compreensão de que é de vital importância trabalhar a leitura e a escrita com diferentes portadores de textos e através de sequência didática, muito contribui no processo de aprendizagem. O mero ato de aprovar, para não reprovar e diminuir o índice de repetência e até da evasão escolar, no intuito de “passar” o aluno para o ano seguinte, na perspectiva de que na série para qual o aluno foi aprovado ele aprenda a ler e escrever - *pois a aprendizagem é um processo lento e gradativo* - a escola simplesmente contribui para o aumento de acadêmicos que ao ingressarem na Universidade apresentam dificuldade em entender textos científicos.

Schneuwly e Dolz desenvolveram uma proposta que engloba aspectos relevantes na construção/ interiorização da escrita processual e exige não um trabalho maçante em volta do texto, mas um conjunto amplo de atividades que visem o texto como unidade de ensino e os gêneros textuais como objetos de ensino.

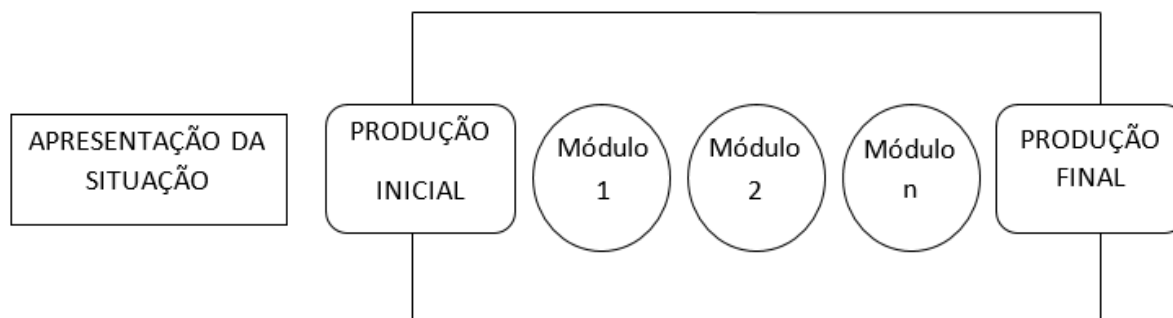
Uma sequência didática é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero oral ou escrito. [...] Quando nos comunicamos, adaptamo-nos à situação de comunicação. [...] Os textos escritos ou orais que produzimos diferenciam-se uns dos outros e isso porque são produzidos em condições diferentes. (ROJO e GLAÍS, 2004, p. 97)

Observamos que a produção textual, como reflexo da formação do agente produtor de textos, é de grande importância e responsabilidade. Para que tal objetivo seja cumprido eficazmente, o professor tem de estar instrumentalizado acerca dos elementos que são realmente necessários para a formação deste agente, fazendo-o consciente da aplicabilidade dos recursos que delimitam o processo, já que não podemos escrever tal qual falamos. Assim, devemos seguir um sequencial norteador da prática.

A utilização da sequência didática tem como função primordial a facilitação do entendimento sobre os gêneros textuais. A organização destes, de forma coerente e adequada ao seu destinatário, é pouco abordada em sala de aula, tendo em vista que os educadores não conseguem abrangê-los em sua totalidade, o que, por conseguinte, leva-os a uma abordagem reduzida dos chamados “tipos textuais”: dissertação, narração e descrição. Há, então, grande dificuldade de transmitir para os alunos o conceito e aplicabilidade dos gêneros textuais. Desse modo, o procedimento *sequência didática* é bastante propício, pois ajuda o docente a organizar, coerente e adequadamente, a utilização da língua em sua amplitude.

Observemos o esquema apresentado por ROJO e GLAÍS (2004, p.98):

ESQUEMA DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA



Obedecendo a essa sequência de etapas, cabe esmiuçá-las. Na apresentação inicial, o professor deve munir o aluno de todas as informações referentes à atividade que se pede. Cabe atentar para o destinatário, de modo a não reduzir a produção textual como destinada somente ao professor. Ele deve simular uma situação real de comunicação em que este gênero irá circular e fazer com que os alunos se posicionem como agentes produtores num contexto concreto. Portanto, nesse momento de apresentação, o professor tem que ser bem claro quanto ao destinatário do texto, a organização geral do gênero (construção composicional, estilo, conteúdo temático) a ser trabalhado, o suporte onde irá circular a produção, o conteúdo e finalidade objetivados. Logo após essa explanação, através da qual o aluno ficará bem ciente de onde está inserido e para quê, pede-se uma produção inicial que não trará em si o trabalho finalizado, muito menos servirá de quantificador/avaliador do aluno. Trata-se, na verdade, de um importante material a que o professor tem acesso tanto para entender o que não ficou claro na apresentação inicial, quanto para saber as dificuldades de expressão, textualização, observáveis na produção do aprendente. Tendo acesso a este rico sinalizador, o professor irá modelar a sequência didática às necessidades encontradas no aluno através dos módulos. Nesses módulos, poderão ser utilizados exercícios específicos relacionados ao problema encontrado. Na última etapa deste trabalho, pede-se a produção final que apresenta o gênero pronto para “circulação e ação”.

Com base nessa sintética exposição, dois aspectos são essenciais. Primeiro, a atividade de análise textual por parte do professor, nessa proposta, deve priorizar aspectos macrotextuais (contexto comunicativo, situação comunicacional, interlocutor, linguagem adequada, mecanismos de textualização, coesão, coerência etc) e não microestruturais (ortografia, concordância, regência, pronominalização, etc.). Não queremos dizer que o segundo seja de importância inferior, mas a análise deve se pautar criticamente nos textos dos alunos em sua articulação, em seu posicionamento, e não apenas em erros gramaticais.

Segundo, como já fora mencionado, a sequência didática requer um envolvimento e comprometimento por parte do professor e dos alunos, pois não se quer trabalhar com o gênero de forma reduzida, mas atingindo sua função e amplitude. Desse modo:

O procedimento sequência didática é um conjunto de atividades pedagógicas organizadas, de maneira sistemática, com base em um gênero textual. Estas têm o objetivo de dar acesso aos alunos a práticas de linguagens tipificadas, ou seja, *de ajudá-los a dominar os diversos gêneros textuais que permeiam nossa vida em sociedade, preparando-os para saberem usar a língua nas mais variadas situações sociais*, oferecendo-lhes instrumentos eficazes para melhorar suas capacidades de ler e escrever (Dolz, Noverraz & Schneuwly, 2004, grifos nossos).

Devemos enfatizar que esse processo é regido por um elemento intencional muito bem demarcado: o ensino dos gêneros textuais. Quando um agente produtor é instigado a utilizá-los, tem-se em mente que este agente já tem interiorizados os aspectos gerais de sua produção, a macroestrutura textual está formada; no entanto, surge a problemática da concretização do texto. Em suma:

As sequências e as outras formas de planificação constituem, como mencionados acima, o produto de uma restauração de um conteúdo temático já organizado na memória do agente-produtor na forma de macro-estruturas. Ora, a forma assumida por essa reorganização é claramente motivada pelas representações que esse agente tem das propriedades dos destinatários de seu texto, assim como do efeito que neles deseja produzir. (BRONCKART, 1999, p. 233-234)

Pelo exposto, fica patente que a sequência didática é um processo de essencial importância no ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa, uma vez que permite uma interação entre vários elementos: professor – aluno – texto (gênero textual). Tal interação possibilita uma mudança de práxis docente, bem como um novo olhar do aluno sobre seu papel no mundo. Nada melhor do que utilizar os recursos da sequência didática, uma das vertentes do Interacionismo Sócio-Discursivo que se detém na avaliação da prática do professor em sala de aula e também desenvolve pesquisas e materiais metodológicos, destinados aos docentes, que possam vir a suprir algumas necessidades do ensino de língua materna. Além de apresentar implicitamente — ou por que não explicitamente? — a linguagem como atividade interativa, abrange o letramento, entendido como práticas sociais da escrita ou da fala.

“A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente” (SIMONSEN, 1978, p. 10).

Segundo Bakhtin (1987, p. 388), “a expressão ‘furiosa’ dessa estátua de que fala Rabelais corresponde também à realidade”.

4.2.4 Ensino de Gêneros

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), é dever da escola disponibilizar ao educando o acesso as diversas formas textuais que circulam na sociedade, ensinando-o a compreendê-las e produzi-las.

O educador deve oferecer aos educandos uma diversidade de gêneros textuais, com temáticas relacionadas e direcionadas a realidade vivida por eles, dentro e fora da escola, mas que também estejam de acordo com a escolaridade e faixa etária dos alunos. Essa proposta, de adotar diversos gêneros dentro da sala de aula, busca contribuir para uma mudança na perspectiva de leitura e produção do textual dos alunos, assim como proporcionar um ensino completo, onde o aluno tenha acesso ao todo e não apenas a fragmentos.

Desta forma, o professor deve apresentar um domínio sobre todo o conhecimento que deve ser aplicado dentro da sala de aula, buscando sempre estar em ressignificação com as temáticas abordadas na sociedade, aprimorando seus conhecimentos e métodos.

Partindo dessa breve análise dos PCNs, podemos considerar que o uso dos gêneros textuais junto com a contextualização, associando o ensino da língua materna a realidade do cotidiano do aluno, facilitam o aprendizado.

O trabalho com textos em sala de aula tornou-se imprescindível não apenas para o ensino da leitura e produção de texto, mas para o letramento completo dos alunos. Desta forma, o professor de Língua Portuguesa não precisa ensinar a gramática de forma isolada. Uma aula de gramática com atividades que associem conhecimentos morfológicos e sintáticos não desconsidera a utilização de gêneros textuais, pois estes possibilitam a compreensão da língua em uso, sendo esta considerada a melhor maneira, atualmente, de se introduzir a Gramática do Português para os alunos.

Partindo dos pressupostos apresentados vamos propor a utilização das sequências didáticas, como uma forma de apresentar os conteúdos, sem nos utilizarmos da metalinguagem, da gramática tradicional, mas com o foco em atividades reflexivas, baseadas em gêneros textuais que explorem a gramática em uso.

4.2.5 Concepções de Linguagem

Quando se pensa em produzir uma sequência didática temos que pensar o foco que daremos a ela, o que desejamos passar para os nossos alunos, e a forma como desejamos que eles respondam aos nossos estímulos. Por isso se faz necessário a delimitação da concepção de linguagem a ser trabalhada.

A primeira concepção é a formalista que adota um enfoque estruturalista e gerativista, que considera a linguagem como uma entidade capaz de encerrar e expressar sentido por si só, expressando seus pensamentos, se assemelhando aos estudos tradicionais.

A segunda concepção apresenta uma tendência funcionalista, que trata a língua como fenômeno de comunicação e expressão. Porém um ponto bastante questionado nessa concepção é justamente a retirada dos elementos de comunicação de seus contextos, trabalhando de forma solta, não se afastando muito da concepção formalista da língua.

A terceira vertente é a concepção funcional e pragmática, também chamada de interacionista, por ser marcada pela interação humana e pelas atividades socioculturais. No âmbito do ensino, essa concepção aborda justamente a interação entre aluno e professor dentro da sala de aula, desconstruindo a ideia do professor como detentor do conhecimento e aluno como um receptáculo, e construindo uma ideia de crescimento mútuo e diálogo.

4.2.6 Gêneros Discursivos

Segundo Bakhtin os gêneros dos discursos são as representações dos enunciados produzidos pelas sociedades, sendo elas esses enunciados orais ou escritos, cada um com seus conteúdos temáticos, estilo e elementos composicionais.

Quando se pensa em abordar um gênero discursivo dentro de uma sala de aula, se faz necessário ter domínio sobre o mesmo, conhecendo seus elementos estruturais, as leituras e releituras que ele é capaz de permitir, além da abordagem que se pretende desenvolver.

Porém o ponto mais importante é pensar em estratégias que não apenas motive seus alunos, mas o levem a compreender o gênero de tal maneira, que eles consigam reproduzi-lo. E esse é objetivo da sequência didática proposta aqui, baseada na concepção funcional e pragmática, levar o aluno a produção textual.

Koch e seu livro, *Ler e Compreender: Os sentidos do texto*, levanta uma discussão sobre o processo para a produção textual, ela destaca a leitura como pontapé inicial, delimitando algumas estratégias de leitura para que se chegue a releituras do texto /gênero, analisando todos os seus pontos.

Dentre as estratégias podemos destacar:

- O autor do texto
- O meio de comunicação do texto
- O gênero textual
- O título
- A distribuição e configurações de informação no texto

Essas estratégias vão proporcionar ao aluno um domínio sobre o gênero, através delas eles conhecerão cada pedacinho do texto, proporcionando uma compreensão do todo. Quando pensamos no autor, vários aspectos podem ser trabalhados, como a escrita desse autor, quais os gêneros que ele escreve, pode-se até solicitar que os alunos façam uma pesquisa. O meio de comunicação vai falar muito sobre o gênero e seu formato, após esses pontos é importante que o professor, faça uma explanação sobre o gênero escolhido e então passe para a compreensão do texto escolhido, partindo do título escolhido, nesse momento pode-se propor aos alunos atividades relacionadas, como a escolha de outro título com base na leitura feita. Para concluir essa fase inicial é importante verificar as informações e configurações distribuídas pelo texto, ou seja, compreender o assunto abordado, um trabalho de interpretação textual.

Após as leituras iniciais, é preciso que esse gênero passe a ter sentido para o aluno, para que ele passe a compreender a leitura feita, para então ser capaz de desenvolver um contexto de produção e de uso do gênero em questão e se alfabetizar letrando.

4.2.7 Qual a diferença entre Alfabetização e Letramento?

A alfabetização é o processo de aprendizagem onde se desenvolve a habilidade de ler e escrever, já o letramento desenvolve o uso competente da leitura e da escrita nas práticas sociais.

Então, uma das principais diferenças está na qualidade do domínio sobre a leitura e a escrita. Enquanto o sujeito alfabetizado sabe codificar e decodificar o sistema de escrita, o sujeito letrado vai além, sendo capaz de dominar a língua no seu cotidiano, nos mais distintos contextos.

	Alfabetização	Letramento
Conceito	Alfabetização é o processo de aprendizado da leitura e da escrita.	Letramento é o desenvolvimento do uso competente da leitura e escrita nas práticas sociais.
Uso	Uso individual da leitura e escrita.	Uso social da leitura e escrita.
Indivíduo	Alfabetizado é o sujeito que sabe ler e escrever.	Uma pessoa letrada sabe usar a leitura e a escrita de acordo com as demandas sociais.
Atividades envolvidas	Codificar e decodificar a escrita e os números.	Organizar discursos, interpretação e compreensão de textos, reflexão.
Ensino	Deixa o indivíduo apto a desenvolver os mais diversos métodos de aprendizado da língua.	Habilita o sujeito a utilizar a escrita e a leitura nos mais diversos contextos.

De acordo com Magda Soares, a diferença está no domínio que o sujeito tem sobre a leitura e escrita. O sujeito alfabetizado sabe ler e escrever, porém pode estar pouco habituado a usar essas habilidades no seu cotidiano. Já o indivíduo letrado possui domínio da leitura e da escrita nas mais diversas situações e práticas sociais.

4.2.8 O que é o Processo de Alfabetização?

A alfabetização é o processo de ensino e aprendizagem de um sistema linguístico e da forma como usá-lo para se comunicar com a sociedade. Através da alfabetização, o sujeito será capaz de codificar e decodificar uma língua, aprendendo a ler e escrever. Esse processo também habilita o sujeito a desenvolver diversos métodos de aprendizado da língua.

4.2.9 O que é o Processo de Letramento?

Enquanto a alfabetização desenvolve a aquisição da leitura e da escrita, o letramento se ocupa da função social de ler e escrever. O letramento é o estado que um indivíduo ou grupo social alcança depois de se familiarizar com a escrita e a leitura, possuindo uma maior experiência para desenvolver as práticas do seu uso nos mais diversos contextos sociais. Um indivíduo letrado é capaz de se informar por meio de jornais, interagir, seguir receitas, criar discursos, interpretar textos, entre outros.

Um indivíduo alfabetizado não significa necessariamente um indivíduo letrado. Do mesmo modo, um sujeito pode ser capaz de realizar determinadas atividades em seu cotidiano que necessitem do letramento, como preencher um recibo, sem que ele seja alfabetizado. Letramento é uma tradução para o português da palavra inglesa “literacy” que pode ser traduzida como a condição de ser letrado. Um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado. Alfabetizado é aquele indivíduo que sabe ler e escrever; letrado é aquele que sabe ler e escrever, mas que responde adequadamente às demandas sociais da leitura e da escrita. Alfabetizar letrando, é ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, assim o educando deve ser alfabetizado e letrado. A linguagem é um fenômeno social, estruturada de forma ativa e grupal do ponto de vista cultural e social. A palavra letramento é utilizada no processo de inserção numa cultura letrada.

Nos Estados Unidos e na Inglaterra, embora a palavra literacy já constasse do dicionário desde o final do século XIX, foi nos anos 80, que o fato tornou-se foco de atenção e de estudos nas áreas da educação e da linguagem. No Brasil os conceitos de alfabetização e letramento se mesclam e se confundem. A discussão do letramento surge sempre envolvida no conceito de alfabetização, o que tem levado, a uma inadequada e imprópria síntese dos dois procedimentos, com prevalência do conceito de letramento sobre o de alfabetização. Não podemos separar os dois processos, pois a princípio o estudo do aluno no universo da escrita

se dá concomitantemente por meio desses dois processos: a alfabetização, e pelo desenvolvimento de habilidades da leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita, o letramento.

O conhecimento das letras é apenas um meio para o letramento, que é o uso social da leitura e da escrita. Para formar cidadãos atuantes e interacionistas, é preciso conhecer a importância da informação sobre letramento e não de alfabetização. Letrar significa colocar a criança no mundo letrado, trabalhando com os distintos usos de escrita na sociedade. Essa inclusão começa muito antes da alfabetização, quando a criança começa a interagir socialmente com as práticas de letramento no seu mundo social. O letramento é cultural, por isso muitas crianças já vão para a escola com o conhecimento alcançado de maneira informal absorvido no cotidiano. Ao conhecer a importância do letramento, deixamos de exercitar o aprendizado automático e repetitivo, baseado na descontextualização.

Na escola a criança deve interagir firmemente com o caráter social da escrita e ler e escrever textos significativos. A alfabetização se ocupa da aquisição da escrita pelo indivíduo ou grupos de indivíduos, o letramento focaliza os aspectos sócio históricos da aquisição de um sistema escrito por uma sociedade. “Em termos sociais mais amplos, o letramento é apontado como sendo produto do desenvolvimento do comércio, da diversificação dos meios de produção e da complexidade crescente da agricultura. Ao mesmo tempo, dentro de uma visão dialética, torna-se uma causa de transformações históricas profundas, como o aparecimento da máquina a vapor, da imprensa, do telescópio, e da sociedade industrial como um todo”.

A alfabetização deve se desenvolver em um contexto de letramento como início da aprendizagem da escrita, como desenvolvimento de habilidades de uso da leitura e da escrita nas práticas sociais que envolvem a língua escrita, e de atitudes de caráter prático em relação a esse aprendizado; entendendo que a alfabetização e letramento, devem ter tratamento metodológico diferente e com isso alcançar o sucesso no ensino aprendizagem da língua escrita, falada e contextualizada nas nossas escolas. Letramento é informar-se através da leitura, é buscar notícias e lazer nos jornais, é interagir selecionando o que desperta interesse, divertindo-se com as histórias em quadrinhos, seguir receita de bolo, a lista de compras de casa, fazer comunicação através do recado, do bilhete, do telegrama. Letramento é ler histórias com o livro nas mãos, é emocionar-se com as histórias lidas, e fazer, dos

personagens, os melhores amigos. Letramento é descobrir a si mesmo pela leitura e pela escrita, é entender quem a gente é e descobrir quem podemos ser!

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos resultados teóricos e empíricos, pode-se concluir que para a elaboração de uma sequência didática se faz necessário observar e compreender diversos fatores, que vão desde as concepções de linguagens colocadas em sala, até os objetos utilizados para realizar tal proposta.

Os aspectos abordados por uma sequência didática trazem uma amplitude para o desenvolvimento do aluno, levando-o a refletir sobre diversos assuntos, utilizando os gêneros textuais como pontes para o aprendizado de diversos conteúdos.

Ao esquematizar uma sequência didática com gêneros textuais como proposta de trabalho pedagógico é uma tentativa de instrumentalizar os alunos com uma proposta significativa, proporcionando aos aprendizes o desenvolvimento das capacidades de linguagem que podem ser transferidas para o ensino de outros gêneros.

Cabendo o professor explorar essa proposta pedagógica, criar condições favoráveis à construção do conhecimento e elaborar atividades criativas que venham contribuir na aquisição da aprendizagem de seus alunos, pois uma aula prazerosa e inovadora deixa os alunos mais motivados na hora da aprendizagem e no momento de realizar suas atividades, seja elas na escola ou em casa.

É importante ressaltar que a proposta apresentada aqui é apenas uma entre tantas que se adequam a diversas realidades e situações, tanto dos alunos como das instituições, com o objetivo principal de oferecer um suporte para o conhecimento e desenvolvimento do aluno, a atividade de leitura e de estratégias adequadas para compreender os textos requer uma intervenção explicitamente dirigida a essa aquisição. O aprendiz precisa da informação, do apoio, do incentivo e dos desafios proporcionados pelo professor. Desta forma, o leitor incipiente pode ir dominando progressivamente aspectos da tarefa de leitura e escrita.

6 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Regina Sodré. **Alfabetiza o**. São Luis: UEMANET, 2008.

BRAGA, Regina Maria. **Construindo o leitor competente**: atividade de leitura interativa para a sala de aula/Regina Maria Braga, Maria de Fátima Silvestre, - São Paulo: Petrópolis

BRASIL, Ministério da Educa o. **Ensino Fundamental de nove anos**. Nascimento Aric lia Ribeiro do. FNDE: Estaa o Gráfica, 2006.

BRASIL, Secretaria de Educa o Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: língua portuguesa: Ensino de primeira   quarta série. Brasília: 144p.

Brasil. (1990). *Lei n. 8.069*, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm>. Acesso em: 14 ago. 2018

CARVALHO, Marlene. **Alfabetizar e Letrar**: um diálogo entre a teoria e prática. Petrópolis – RJ: Vozes 2005.

FERREIRO, Emilia. **Com todas as letras**. 7 ed. São Paulo: Cortez, 1999.

_____. **Reflexões sobre alfabetiza o**. 24 ed. Atualizada. São Paulo: Cortez, 2001.

FREIRE, Paulo. **1921 – A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**.34 ed. São Paulo: Cortez, 1997. – (Colea o questões de nossa época; v.13).

MAIA, Joseane. **Literatura na forma o de leitores e professores**. São Paulo: Paulinas, 2007, (Colea o literatura & ensino).

MARTINS, Maria Helena. **O que   leitura**. 19 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

RODRIGUES, Auro de Jesus. **Metodologia Científica**: completo e essencial para a vida universitária. São Paulo: Avercamp, 2006.

SOARES, Magda. **Alfabetiza o e Letramento**. 5 ed. São Paulo: Contexto, 2008.

SOL , Isabel. **Estratégias de leitura**. Trad. Cláudia Schilling. 6 ed. Porto Alegre: ArtMed. 1998.

SIMONETTI, Amália. **O Desafio de Alfabetizar e Letrar**. Fortaleza-CE: IMEPH, 2007

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **O Ato de ler**: fundamentos psicológicos para uma pedagogia da leitura. 10 Ed. São Paulo Cortez, 2005.

APÊNDICE 01: QUESTIONÁRIO

QUESTIONÁRIO/ALUNO

1) Você gosta de ler?
 sim () não () só quando tem prova () as vezes

2) Você compreende a leitura dos textos?
 sim () não () as vezes

3) O que você mais gosta de ler?
 () revista de quadrinhos livros infantis () revista com notícias da TV

4) Qual a dificuldade encontrada na leitura de um texto?
 () porque acha grande () não consegue entender o que leu
 não entende o significado de algumas palavras

5) A leitura para você facilita o entendimento das demais disciplinas?
 sim () não () um pouco () às vezes

FONTE: A AUTORA 2018

APÊNDICE 02: LATA DOS GENEROS



FONTE: A AUTORA 2018

APÊNDICE 02: ATIVIDADES



FONTE: A AUTORA 2018

APÊNDICE 04: GÊNEROS



FONTE: A AUTORA 2018

APÊNDICE 05: ROLETA DOS GÊNEROS



FONTE: A AUTORA 2018